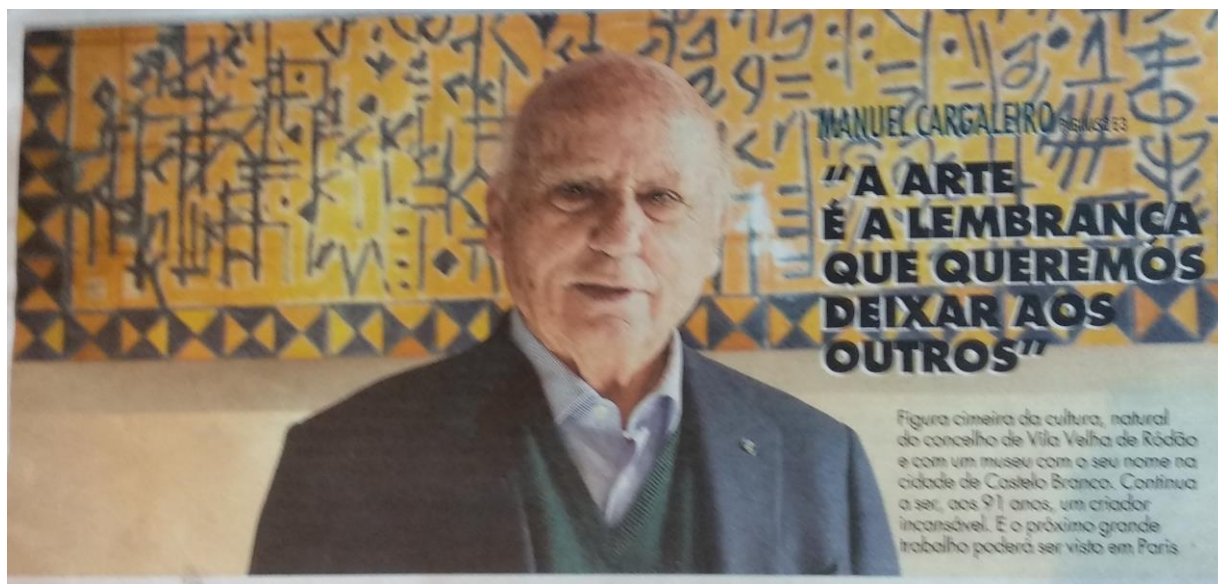
		TÍTULO		“A Arte é a lembrança que queremos deixar aos outros”			
FONTE	Jornal do Fundão		DATA	03.01.19	Nº da(s) página(s)		2,3
PERIODICIDADE	Diário	Semanário	X	Quinzenário	Mensal	Outro	
ÂMBITO	Local	Regional	X	Nacional			



Nuno Francisco

JORNAL DO FUNDÃO – Começo com uma citação do mestre: “Comecei a minha vida de artista como ceramista e sou ceramista mesmo quando faço pintura a óleo. Não consigo imaginar uma coisa sem a outra.” O mestre define-se fundamentalmente como um ceramista, mesmo quando trabalha em outros contextos?

MANUEL CARGALEIRO – Comecei a minha vida a brincar com o barro. Quando andava na escola primária, havia, ao lado, um oleiro e quando eu saía da escola, em vez de ir brincar com os meus amigos, passava sempre por lá. Eu achava aquilo um verdadeiro milagre: O oleiro que pega numa bolazinha de argila, põe aquilo no torno e começa a levantar uma peça. Nas pinturas nas cavernas, os nossos antepassados queriam deixar uma lembrança, os grandes feitos. E arranjam aquela maneira para deixar essa lembrança para os outros. A partir daí tudo o que se fez na arte é sempre a lembrança que queremos deixar aos outros. A história da arte está sempre certa com cada época. Na arte, fica marcada cada época.

– E hoje, o que lemos na arte?

– Aquilo que se passa com a pintura hoje, a arte de hoje, daqui a muitos anos quando estudarem esta época vão dizer assim: “Coitados, a angústia e a aflição em que esta gente vivia, porque eles para realizarem isto não estavam contentes com a sua época”. E é por isso que quando eu hoje vejo exposições de colegas artistas, a reação da maior parte das pessoas não é boa. Mas tenho o maior respeito por aquilo que esses artistas fazem, porque eles estão certos. O que eles têm é uma imaginação e uma visão daquilo que é o retrato da nossa época.

– No meio de tudo isto, o que é a marca “Cargaleiro”?

– Aquilo que eu quero dizer é: “Meus amigos, é verdade que existe essa agressividade; é verdade que existe – e estou a exagerar – essa “mentira”, mas, por outro lado, também é verdade que há uma reação contrária, que é a reação do construtivo”. Não quer dizer que o construtivo seja mais bonito, nem que seja mais verdade, nem que seja mais atual. Quando eu digo “construtivo”, quando falo em mensagem positiva, estou a falar da não agressividade, de dizer “estejam tranquilos, porque também há esta corrente!”.

– O mestre acha que estamos a viver num momento de grande pessimismo também na arte?

– É o que se sobrepõe agora...

– Mas é uma corrente onde não se revê...



“Castelo Branco também é a minha terra. Vou na rua, as pessoas conhecem-me e eu também as conheço”

– Eu não entro nisso. Espero não ter contribuído com a minha mensagem para essa depressão de “o mundo já não tem solução, então imaginemos isto, que é a destruição.” Há uma franqueza exagerada. Um bocadinho de mistério fica bem, um bocadinho de dúvida fica bem.

– Consegue identificar ao longo da sua carreira uma constância na mensagem da sua obra ou encontrar várias derivações, fruto das épocas, dos viveres, dos sentimentos...?

– Já vivo em Paris há 60 anos. Desde há 60 anos até agora há uma constância na minha vida; Nunca abdiqueei nem da minha terra, nem da minha região, nem do meu país. Há uma coisa que também sei: Trabalhei sempre baseado naquilo que eu vejo à minha volta e inspirado no meu país. E quando eu digo inspirado no meu país, falo de uma coisa que me marcou muito e está sempre na minha obra; Aquela paixão que tive pela arte da cerâmica e dos azulejos. Isso marcou-me

muito. Eu ia à missa com os meus pais e em vez de estar a ouvir o padre, estava a olhar para os azulejos da igreja. Eu absorvia aquilo. Aquilo era como uma escola para mim. E sabe? As árvores, as plantas, as flores deste país marcaram-me. O cheiro das plantas, das estevas, do alecrim, do rosmaninho... É fabuloso; é único... Marca-nos!

– Como é que foi a primeira experiência que teve, na olaria do José Trindade, no Monte da Caparica?

– Foi o meu princípio... (Risos) O José Trindade era um oleiro incrível. Ele achava-me muita graça e estava sempre a dar-me barro e eu levava aquele barro para casa e em vez de estar a estudar, punha-me a modelar.

– Deixou, de resto, a Faculdade de Ciências, porque este era, definitivamente, o seu caminho...

– O que eu queria era ir para as Belas Artes. O que eu queria era ir aprender isso...

“Há uma constante na minha vida: Nunca abdiqueei nem da minha terra, nem da minha região, nem do meu país”

– Como olha para o seu trajeto, desde o tempo que, em criança, olhava deslumbrado para os azulejos da igreja até à figura incontornável da cultura que é hoje?

– Nunca pensei ser artista. Eu queria era trabalhar para mim; aquilo que eu queria fazer era para mim. Sabe, eu nunca digeri bem essa história de ser o pintor, de ser o ceramista... Sinceramente, não. Eu fui feliz com as minhas obras, eu fui feliz a trabalhar.

– Que balanço faz da sua fundação, do seu museu, na cidade de Castelo Branco?

– Esta fundação nasceu pelo facto de eu ter juntado tanta coisa. Eu tinha tudo isto numa quinta dos meus pais, na Caparica. Sinceramente, não imaginava que algum dia isto viesse para cá. O meu sonho era que tudo isto ficasse no concelho de Almada. Eu deixei o concelho de Vila Velha de Ródão e fui fazer dois anos [de escola] ao concelho de Almada. A minha juventude passou-se no concelho de Almada. A fundação está aqui porque há uma razão forte... sabe, é daquelas coisas que acontecem. A ação da Câmara de Castelo Branco, pela pessoa do seu então presidente Joaquim Morão, um homem de grande inclinação e com uma visão muito inteligente, foi decisiva. E o trabalho continua com o atual presidente e há projetos em curso.

– O que é que esta Beira da sua meninice ainda lhe diz?

– Agora, que sou muito velho e muito conhecido, quando venho aqui acho que toda a gente faz parte da minha família. Todos são meus primos (risos). Os jovens que

trabalham aqui no museu dizem que nunca viram ninguém com tantos primos (risos). Chego aqui e parece que sou da família de todos. Castelo Branco também é a minha terra. Hoje, eu conheço toda a gente em Castelo Branco. Vou na rua, as pessoas conhecem-me e eu também as conheço. Esta é a minha realidade aqui e nas aldeias. Por mais que as pessoas se queiram libertar da tradição, não conseguem.

– O mestre está quase a completar 92 anos, mas sei que tem projetos em mãos. O que podemos saber a esse respeito?

– Agora até vou ficar um pouco mais de tempo em Portugal, porque estou a trabalhar num novo projeto. Há 23 anos decorei todo o hall e os corredores à volta da estação de metro dos Les Champs-Élysées. Agora, o Estado francês resolveu fazer um túnel e ligá-lo à entrada do Grand Palais, onde se fazem as grandes exposições de arte em Paris. Ou seja, vai existir, a partir do centro do hall da “minha” estação, uma ligação direta para a entrada do Grand Palais e estou já a trabalhar para fazer um painel bastante grande e quatro mais pequenos para a entrada do Grand Palais.

É um trabalho de grande responsabilidade, mas fazê-lo para Paris ou para Castelo Branco é igual. Não estabeleço nenhuma diferença, só que tenho um prazo para o fazer. E é por isso que agora vou ficar mais tempo em Portugal, porque quero realizar esse projeto cá. Esse vai ser o meu trabalho na primeira metade do próximo ano.